

Prunus myrtifolia (L.) Urb.

(coração de negro, pessegueiro bravo, pessegueiro do mato)

Família: Rosaceae

Sinônimos: *Prunus sellowii*

Endêmica: não⁴

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica⁴

Recomendação de uso: Restauração

O pessegueiro-bravo é uma arvoreta a árvore, normalmente de pequeno porte, que pode atingir até 25 m de altura na fase adulta. Seu plantio não é recomendado para áreas de pastagem, pois suas folhas são tóxicas ao gado. Seu tronco é de casca externa espessa e áspera. As flores são pequenas, brancas e os frutos globosos, carnosos, de coloração roxo-escuro. Sua madeira apresenta pouco valor comercial e é usada eventualmente para lenha, mas possui grande potencial na recomposição de áreas.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (construção civil, lenha, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (apícola, recurso para fauna)^{2,1}

Características gerais

Porte: altura 2.0-25.0m DAP 40-80cm^{5,2,1}

Cor da floração: branca^{5,1,2}

Velocidade de desenvolvimento: Moderada³

Persistência foliar: Perenifolia^{1,2}

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto, Tortuoso^{2,1}

Superfície do tronco: Áspera^{1,2}

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Drupa)^{2,5,1}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim²

Pragas e doenças: Oídio em mudas de pessegueiro-bravo. Os sintomas foram observados em folhas jovens e brotações, na forma de enrolamento foliar, queima e posterior queda das folhas afetadas, além de atraso no desenvolvimento da muda.⁶

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: sim¹

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas^{11,3}

Áreas com inundação temporária (MARTINS, 2007).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Secundária tardia^{9,10}

Polinizadores: Abelhas.^{2,7,1}

Período de floração: setembro a dezembro^{2,5,3}

Setembro a dezembro (DURIGAN et al., 1997; CARVALHO, 2008); flores o ano todo (KIYAMA; BIANCHINI, 2003).

Tipo de dispersão: Zoocórica^{3,1,7,8}

Agentes dispersores: Aves.^{1,2,3}

Período de frutificação: janeiro a junho^{3,2,5}

Frutos de janeiro a fevereiro (DURIGAN et al., 1997; CARVALHO, 2008); fevereiro a junho (SPINA et al., 2001); frutos o ano todo (KIYAMA; BIANCHINI, 2003).

Associação simbiótica com raízes: sim²

As raízes dessa espécie apresentam fungos micorrízicos arbusculares. Por isso, recomenda-se inocular o solo do viveiro com solo coletado sob pessegueiros adultos.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{3,2}

A colheita de frutos é feita assim que a coloração muda de verde para arroxeada. Após imersão em água fria por 12 horas, os frutos devem ser macerados em peneira sob água corrente para retirada da polpa e extração das sementes, que devem ser secas à sombra, apenas para

eliminação do excesso de umidade.

Tipo de semente: Recalcitrante²

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Tratamento térmico^{3,2}

Não há necessidade de tratamento pré-germinativo, mas para acelerar e uniformizar a germinação, imergir as sementes em água fria por 2 dias.

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais^{2,1}

Semeadura imediata dos frutos logo após a colheita em recipientes individuais mantidos à meia sombra (BACKES; IRGANG, 2004; CARVALHO, 2008). A semeadura deve ser realizada em canteiros para posterior repicagem (DURIGAN et al., 1997).

Tempo de germinação: 15 a 75 dias^{3,2,1}

Taxa de germinação: 75%²

Número de sementes por peso: 5000/kg³

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra³

Bibliografia

¹ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. v. 3, 593 p.

³ DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.

⁴ SIMÃO-BIANCHIN, R. Rosaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 18 jun. 2013.

⁵ KIYAMA, C. Y.; BIANCHINI, R. S. Rosaceae. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, A. M.; MELHEM, T. S. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2003. v. 3, p. 285-293.

⁶ AUER, C. G. O oídeo em mudas de pessegueiro bravo (*Prunus myrtifolia* (L.) Urb.) e seu controle. Colombo: Embrapa Florestas, 1995. Disponível em: . Acesso em: 28 ago. 2013.

⁷ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

⁸ SPINA, A. P.; FERREIRA, W. M.; LEITÃO FILHO, H. F. Floração, frutificação e síndrome de dispersão de uma comunidade de floresta de brejo na região de Campinas (SP). Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 15, n. 3, p. 349-368, 2001.

⁹ CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. *Biota Neotropica*, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

¹⁰ HIGUCHI, P.; REIS, M. G. F.; REIS, G. G.; PINHEIRO, A. L.; SILVA, C.T.; OLIVEIRA, C. H. R. Composição florística da regeneração natural de espécies arbóreas ao longo de oito anos em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, em Viçosa, MG. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 30, n. 6, p. 893-904, 2006.

¹¹ MARTINS, S. V. *Recuperação de matas ciliares*. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.